

Nissei dá exemplo de como produzir

A produção de frutas tem algumas vantagens, como o longo tempo de espera até começar a brotar os primeiros frutos e a falta de crédito rural específico. Mas para quem sabe lidar com a terra e fazer verdadeiros milagres no solo ácido do cerrado, estes fatores deixam de ser problemas e se transformam em meras preocupações. Assim acontece com Seiji Sujii, um nissei de 56 anos, há 13 em Brasília, que retira de sua pequena plantação de frutas de clima temperado como o pêssego, ameixa, nectarina e maçã, entre outras. O segredo deste agricultor é saber adubar bem o solo, de forma que ele fique fértil, e irrigar no tempo certo. Tudo isso é lógico, somado ao seu conhecimento oriental — passado de pai para filho — de como tratar a terra e retirar dela o que for plantado, sem problemas.

Seiji deixou Jundiaí, em São Paulo, e veio para Brasília incentivado por um cunhado. Aqui começou como meeleiro e viveu nesta condição até 1980, quando mudou para o Núcleo Rural do Riacho Fundo, no Núcleo Bandeirante. A partir daí sua vida mudou: A primeira tentativa dele no Planalto Central foi com a maçã e o pêssego. Deu certo e

Seiji virou manchete nos jornais e na televisão da cidade. Entusiasmado, ele passou a cultivar outras frutas, intercalando entre cada árvore, uma hortaliça. A batata, o espinafre, a couve e o tomate estão rendendo mais do que o limão, a nêspera e o morango. Mas Seiji afirma que a partir do ano que vem, quando as fruteiras atingirem a idade adulta, a produção será maior e o dinheiro mais farto.

TABELAMENTO

Contudo, Seiji Sujii é um agricultor esperto e não cruzou os braços esperando passar cinco anos até que suas frutas estivessem em condições ideais de venda. Ele tratou de mudar o ciclo natural das plantas para que produzissem na entressafra, pois assim ganharia mais dinheiro. O sucesso da medida foi garantido até que o Governo implantasse o pacote econômico, tabelando também os preços dos hortifruti-granjeiros. Os 230 pés de limão que estão florescendo agora ficarão intocados e a fruta apodrecerá no chão. Isso porque Seiji sacrificou toda a sua safra na época da colheita, de dezembro a março, e gastou muito dinheiro para comprar produtos que forçariam o limão a

ter uma nova produção no período da entressafra. Agora que os pés estão carregados ele não pode colhê-los e levá-los para a Ceasa, pois isso significaria prejuízos. Os gastos serão menores se o limão ficar onde está, na árvore.

Este fato levou Seiji a criticar o tabelamento afirmando que o Governo "não leva em conta a sobrevivência do produtor". Para ele, quando o preço sobe na entressafra é um fato justo, pois a produção fora da época é reflexo de um tratamento especial dado à plantação, com gastos maiores. "Se continuar assim derubro o limão e vou plantar mandioca que é mais fácil e barato, não requer tanta atenção", revolta-se Seiji. Mas logo em seguida descontrai-se e andando pela plantação brinca, dizendo que irá retirar suas fruteiras e no local construirá uma piscina, ou quadras de esporte.

Muito alegre, Seiji conta que seu plano para este ano é plantar uvas. Ele não desistirá da estratégia de aproveitar a entressafra. "A videira será tratada para produzir duas vezes por ano, em março e setembro", quando a época da fruta é de novembro a fevereiro, diz ele. O ano inteiro as frutas estão brotando nos quatro hectares da cháca-

ra, quase totalmente aproveitados. Somente este mês ele comercializará cerca de 800 caixas de ponçã, retirados de 230 pés, de 850 a 1 mil caixas de ameixa e de 15 a 20 mil caixas de morango.

MÉDIO PRODUTOR

No ano passado a renda de Seiji atingiu Cz\$ 280 mil, declarados em Imposto de Renda. O que ele não podia imaginar é que isto o prejudicaria. Na semana passada ao tentar conseguir um empréstimo junto ao Banco de Brasília (BRB) para financiar a compra de adubo, no qual gasta Cz\$ 40 mil anualmente em 100 caminhões, ele se depa-rou com um problema: para o banco Seiji é considerado médio produtor, pois sua renda é alta e neste caso o empréstimo só poderia ser liberado para irrigação. Ele não entende como isso pode acontecer; ter o empréstimo negado só porque consegue fazer um bom trabalho na terra e retirar dela um rendimento considerado alto demais para o pequeno produtor brasileiro. Mas nem este fato abala a confiança de Seiji. No momento ele luta para conseguir do Governo do Distrito Federal um grande terreno, de 200 a 300 hectares, onde possa plantar de verdade.